



CADENAS GLOBALES DE VALOR

ELÓI MARTINS SENHORAS
LUIS EDUARDO REINA BERMÚDEZ
(organizadores)



2022

CAPÍTULO 9

Cadeia Produtiva do Babaçu: Uma Análise Através das Dimensões da Abordagem da Cadeia Global de Valor

CADEIA PRODUTIVA DO BABAÇU: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DAS DIMENSÕES DA ABORDAGEM DA CADEIA GLOBAL DE VALOR

Antonia Francisca da Silva Saraiva

Nilton Marques de Oliveira

Manoel Xavier Pedroza Filho

Walter Saraiva Lopes

A cadeia produtiva do babaçu é uma das mais simbólicas do extrativismo vegetal no Brasil, e apresenta uma grande importância para a sobrevivência das famílias que vivem do extrativismo, as quais exercem forte participação social e política a fim de garantir o livre acesso aos babaçuais.

A escolha da cadeia produtiva do babaçu para este artigo se deu pela história de vivência e grande importância dessa cadeia na economia e na cultura extrativista local, visando garantir a subsistência de famílias que vivem do extrativismo do babaçu. Estas famílias têm como sua principal fonte de renda a exploração do babaçu, contribuindo assim para a economia local, regional e do país de forma sustentável. Vale ressaltar também a importância desta cadeia produtiva para assegurar a permanência e a manutenção da cultura dessas famílias na região.

A pesquisa foi realizada na Reserva Extrativista do Ciriáco localizada no município de Cidelândia-MA, a qual é uma das mais importantes no estado do Maranhão no que se refere ao seu papel na preservação da floresta nativa da palmeira do babaçu, fortalecendo assim sua cadeia produtiva e o meio ambiente.

Este artigo lança mão da seguinte pergunta: Como a cadeia produtiva do babaçu no elo inicial está sendo desenvolvida pelas famílias extrativista da Reserva Extrativista do Ciriáco?

Assim sendo, este artigo tem como objetivo analisar o processo da cadeia produtiva do babaçu na reserva extrativista de Ciriáco no município de Cidelândia-MA, por meio da abordagem da Cadeia Global de Valor.

O babaçu está presente em 11 estados brasileiros, distribuídos em 279 municípios com uma abrangência de 13 a 18 milhões de hectares e com diversas potencialidades de exploração do babaçu como atividade econômica (DESER, 2007).

Os principais estados produtores de babaçu são: Piauí, Maranhão, Bahia, Ceará e Tocantins (CARRAZZA; ÁVILA; SILVA, 2012; AYRES JÚNIOR, 2007). Na Tabela 1 mostra os principais estados produtores de babaçu no Brasil nos anos de 2014 a 2106.

Tabela 1 - Produção do babaçu por estados

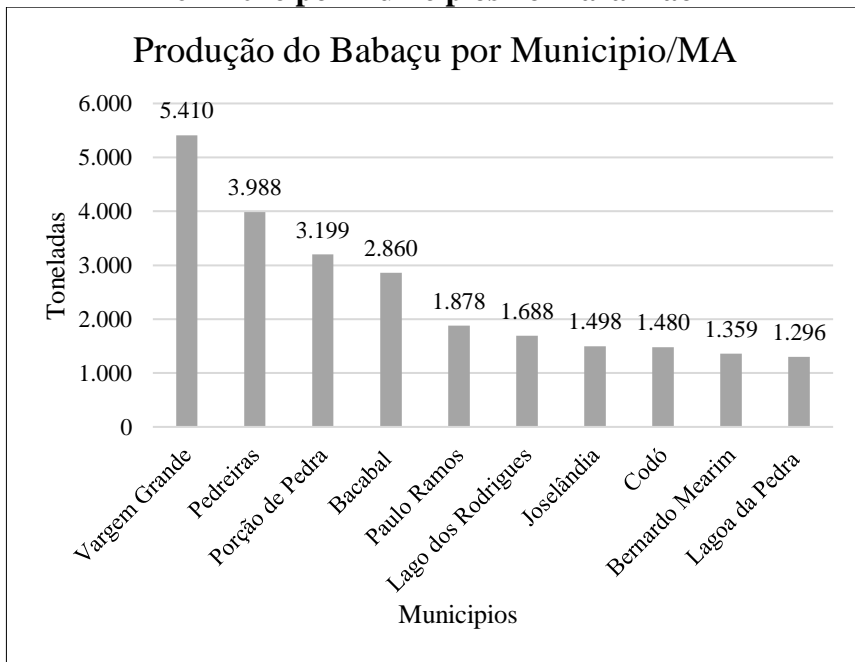
Produção do Babaçu em Toneladas			
ESTADOS	2014	2015	2016
Ceará	254	185	179
Bahia	268	273	249
Tocantins	271	231	257
Piauí	3.787	3.640	3.500
Maranhão	79.305	73.640	57.191
Total	83.885	77.969	61.376

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de: IBGE (2017a).

Conforme a Tabela 1, os principais produtores do babaçu são: Piauí e Maranhão, sendo o Maranhão o principal produtor, no três período analisados sua produção ultrapassou mais de 90%; tem se ainda uma produção modesta nos estados do Ceará, Bahia e

Tocantins. Na Gráfico 1 estão apresentados os principais municípios do Maranhão produtores do babaçu.

Gráfico 1 - Produção do babaçu em 2016 por municípios no Maranhão



Fonte: Elaboração própria. Adaptada de: IBGE/SIDRA, (2017b).

O município de Cidelândia não está no topo dos dez maiores produtores de babaçu, mas com uma produção de 0,06% em relação ao estado e com crescimento influenciado pela Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Reserva Extrativista de Ciriáco (ATARECO).

Apesar do povoado da reserva do Ciriáco apresentar mobilização de organização, verifica-se que boa parte da produção ainda é realizada de forma primitiva (manual) pelas famílias extrativistas, sendo esta a principal renda destas famílias. Além do desenvolvimento econômico dessas famílias extrativistas, a cadeia do babaçu tem ajudado a promover o equilíbrio econômico do município.

Isto posto, este artigo está dividido em cinco partes, na primeira encontra-se esta introdução. A segunda aborda sumariamente a cadeia global de valor. A terceira descreve a metodologia. A quarta parte trata dos resultados e discussão. Finalmente, a quinta parte se refere as considerações finais que sumarizam o artigo.

CADEIA GLOBAL DE VALOR

Várias correntes podem ser abordadas sobre os estudos de cadeia de valor. Os estudos sobre análise de Cadeia Global de Valor, fundamentam-se no artigo de Gary Gereffi, que batizou (*Global Value Chain*) (GEREFFI *et al.*, 2001), com o objetivo de analisar o cenário geopolítico e a dinâmica das cadeias produtivas mundialmente. Onde diversas instituições Internacionais e nacionais em distintos lugares geográficos e gerando agregação de valor ao produto ou serviço.

Vários estudos têm se destacado sobre a aplicação da CGV em diversos setores como: Gereffi e Mamedovic (2003) no setor de vestuário; Ponte (2007) na cadeia do vinho; Mather (2007) de commodities; Bracarense *et al.*, (2009) indústria de moveis; Estevadeordal, Blyde e Suominen (2013) as políticas de acesso aos

países na produção internacionais, Curzel (2015) no setor de serviços e Polastrini; Pedroza Filho e Oliveira (2020).

Segundo Gereffi e Fernandez-Stark (2016) a Cadeia Global de Valor (CGV) apresenta todas as atividades desenvolvida pela empresa e o trabalhador para fazer um produto que vai desde a produção de insumos, produto final e outras atividades como comercialização, designer, assistência ao consumidor final, como também a diminuição dos custos de transações e a consolidação das redes internacionais de produção.

O modelo de estudo de CGV possibilita que empresas e países considere os padrões globais de forma coletiva e gera desempenho de mercado, acesso aos recursos naturais de forma mundial e capacidade de internacionalização entre empresas e abertura de novos comércios para os países, gerando oportunidades principalmente para as economias emergentes (FERNANDEZ-STARK; GEREFFI, 2011).

A Cadeia Global de Valor faz a ligação de empresa, colaboradores e consumidores em todo o mundo fazendo a ponte para que eles participem da economia global usando a Cadeia Global de Valores como uma ferramenta de ligação de mudanças na produção, atores e as atividades que os países desenvolvidos e em desenvolvimento exercem na cadeia levando benefícios como inovação e novas estratégias de mercado (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016).

A CGV tem uma grande relevância, pois esclarece a situação global local, como também estimula as economias emergentes aumentando a força de trabalho, novos programas e políticas contribuindo para desenvolvimento econômico dos países (MAYER; GEREFFI, 2010). Nos últimos anos vem aumentando a adoção desta teoria por países, governos e organizações internacionais (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016).

Segundo Gereffi, Humphrey e Sturgeon (2005) os ganhos com a abordagem de CGV apresenta uma relação entre as empresas industrial, transnacional, curso comercial e os investimentos em nível global gerando valor ao produto que será exportado, pois se percebe o aumento de produtores locais gerando um mercado de alto valor.

Os países com baixo nível de industrialização é preciso que se faça um estudo adequado dos setores para a integração nas CGV, para evitar prejuízos e obter os benefícios com a aplicação da CGV, pois a partir desta análise pode ser observado aspectos como desenvolvimento e a concorrência destes países (THORSTENSEN, 2011).

Gereffi e Fernandez-Stark (2016) apresenta seis dimensões da Cadeia Global de Valor que são classificada em i) Estrutura Insumo-produto que é o processo de início e termino de um produto ou serviço até chegar ao consumidor; ii) Escopo Geográfico nesta etapa faz a análise da oferta e demandas de forma globalizada; iii) A Governança é o processo que envolve as empresas mais influente nas relações da cadeia; iv) *Upgrading*, nesta fase se considera os produtos da cadeia com maior valor agregado; v) Contexto Institucional identifica as relações institucionais, sociais e econômica, ou seja as leis que regem a cadeia e vi) *Stakeholders* nesta fase se faz o mapeamento de todos os atores envolvidos na cadeia.

Neste sentido a Cadeia Global de Valor é uma alternativa para que países possam concorrer internacionalmente, como também permite fazer uma análise da cadeia produtiva local a partir desta abordagem e suas seis dimensões analisa cada elo da cadeia, desde a base até depois do consumidor final, gerando valor nas relações da economia global.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na reserva extrativista do Ciriáco, que pertence ao município de Cidelândia no estado do Maranhão. Tendo como objetivo estudar a cadeia produtiva do babaçu explorada pelas familiares que vivem do extrativismo. A pesquisa de campo aconteceu no mês de outubro de 2017.

Esta pesquisa foi classificada como exploratória, pois apresenta a familiarização das características do fenômeno da compreensão da realidade da cadeia produtiva do babaçu na reserva extrativista do Ciriáco com foco na CGV, que para Gil (2017) é a busca por conhecimento sobre a pesquisa de campo realizada.

A pesquisa descritiva teve a finalidade de apresentar as existências de fenômenos e fatos da realidade da cadeia produtiva do babaçu na reserva extrativista do Ciriáco (MARCONI; LAKATOS, 2017). Neste contexto as autoras afirmam, que é o estudo das características que determina a natureza dos elementos da pesquisa, neste caso, a cadeia produtiva do babaçu com ênfase na CGV.

A pesquisa foi classificada como qualitativa, por meio da abordagem da cadeia global de valor, pois sem a pretensão de mensurar (MARCONI; LAKATOS, 2017), sendo uma análise das dimensões da CGV no processo da cadeia produtiva do babaçu da Reserva Extrativista do Ciriáco.

A pesquisa de campo foi obtida através de entrevista semiestruturada com aplicação de um questionário adaptado, a partir das seis dimensões da abordagem da CGV (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016). Entrevistou-se um funcionário do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) da Regional de Imperatriz, que é responsável pela gestão da Reserva Extrativista do Ciriáco. Esta entrevista foi autorizada

pelo sujeito da pesquisa, utilizando recurso de gravação das respostas. Para manter o sigilo e o anonimato do entrevistado iremos usar o nome de “Funcionário do ICMBio”.

Também, realizou-se uma visita à reserva extrativista e à uma indústria de beneficiamento de babaçu, onde foram observados os processos da cadeia produtiva local baseada na CGV. Na ocasião foram realizadas entrevistas informais com os membros da Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Reserva Extrativista de Ciriáco (ATARECO), onde também foram extraídas informações para a pesquisa, com permissão para serem mencionados. Para manter o sigilo e o anonimato também da conversa informal iremos usar o nome de “Associados da ATARECO”.

Para a análise dos dados obtidos, em primeiro momento foi feito a transcrição da gravação da entrevista e o apontamento dos principais tópicos das entrevistas informais, onde foi utilizado como base para a análise dos dados a abordagem da cadeia global de valor e suas seis dimensões. Desta forma, os resultados foram posteriormente analisados e apresentados.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção apresenta-se os principais resultados da pesquisa, tendo como objeto a análise da cadeia produtiva do babaçu, explorada por famílias da Reserva Extrativista do Ciriáco no município de Cidelândia no estado do Maranhão.

Em 2016, a produção do babaçu no Brasil foi de 61.390 toneladas, (IBGE, 2017a) e no município de Cidelândia a produção foi de 34 toneladas. Para o IBGE o município, nos últimos anos vem apresentando um crescimento expressivo, contramão da produção

nacional e estadual. Isto é devido, a organização das famílias extrativista com a criação da Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Reserva Extrativista de Ciriáco (ATARECO) e a atuação mais efetiva do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

Os resultados da pesquisa através das seis dimensões da cadeia global de valor estão apresentados nas próximas subseções.

Estrutura insumo-produto

A estrutura insumo-produto da cadeia produtiva do babaçu que envolve todo o fluxo da cadeia, ou seja, o processo compreende desde a coleta do babaçu, industrialização e comercialização do produto, cada fase deste processo vai agregando valor em todos os elos da cadeia (GEREFFI; FERNANDEZ-STARK, 2016).

A palmeira do babaçu pode chegar até 30 metros de altura, não tem plantio cultivado, nasce de forma natural, e as áreas de maior ocorrência são zonas de várzeas, vale dos rios, pequenas colinas e elevações (DESER, 2007). O babaçu é uma palmeira resistente que produz de 3 a 5 cachos por ano, com fruto oval e alongado de cor castanho, no seu interior tem de 3 a 5 amêndoas (CARRAZZA; ÁVILA; SILVA, 2012). O primeiro elo da cadeia produtiva é a extração feita de forma manual por famílias extrativistas.

A coleta dos frutos é realizada durante o ano todo, mas o período de maior safra é de setembro a novembro, por mulheres que são denominadas de “quebradeiras de coco”, sendo elas com maior representatividade (Associados da ATARECO).

Figura 1 - Frutos do babaçu

Fonte: Elaboração própria. Trabalho de campo (2017).

As mulheres (famílias) se juntam e vão para os babaçuais fazerem a coleta, assim que os frutos começam a cair ou derrubam o fruto maduro, que são transportados em sacos de fibras, cofos e outros, levam para as margens de pontos de acesso (estrada), sendo transportado por trator da ATARECO até o ambiente de apoio para a quebra do coco (extração das amêndoas) (Associados da ATARECO e Funcionário do ICMBio).

Os principais instrumentos utilizados para a quebra do coco é o machado e o porrete de madeira. As camadas que envolvem o fruto do babaçu são: casca do coco (epicarpo); camada abaixo do epicarpo de onde é retirada a farinha (mesocarpo), e a parte mais resistente, onde é feita a retirada da amêndoa (endocarpo) e todas as camadas são comercializadas.

Segundo o Funcionário do ICMBio, do endocarpo é feito carvão para uso próprio e comercialização nas cidades vizinhas, como também é vendido o fruto completo para indústrias de cidades próximas como Imperatriz, Açailândia e outras.

Do babaçu é utilizado epicarpo, endocarpo, mesocarpo e a amêndoa na indústria de alimentação humana e animal e na produção de fertilizantes. Nesta fase, da cadeia produtiva do babaçu, boa parte do processo produtivo é feito de forma manual, pois a viabilidade econômica é muito baixa não havendo interesse empresarial em explorar comercialmente.

A amêndoa do babaçu que está na camada do endocarpo é o principal produto desta cadeia produtiva. Sua utilização essencial é na alimentação humana, a ATARECO industrializa o babaçu (amêndoa) para comercialização e seu principal produto é o óleo.

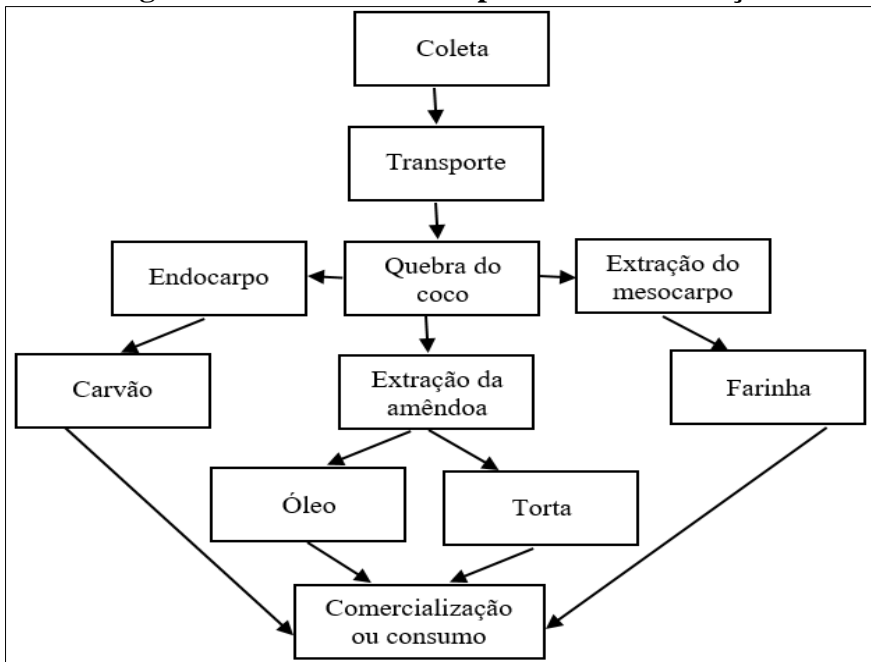
Conforme o Funcionário do ICMBio, o processo de extração do óleo de babaçu é feito na indústria de beneficiamento do babaçu, ou melhor, pela ATARECO. Coloca primeiro as amêndoas para seca no sol para diminuir a acidez do óleo, depois passa em uma máquina para moer e extrair o óleo, deixa decantar de um a dois dias e coloca em vasilhames adequado para a venda do produto. A amêndoa moída, após a extração do óleo, torna-se um subproduto denominado de torta, que é vendida para ser usada como ração animal e comercializada no mercado local.

De acordo, com os Associados da ATARECO, uma pequena parcela ainda extrai o óleo de forma artesanal. Feito pelas quebradeiras de coco utilizam o processo de fervura para extrair o óleo, direcionado tanto para o consumo próprio, quanto para o mercado local, da sobra fazem sabão para consumo familiar. A Figura 2 representa as etapas do fluxo da cadeia produtiva do babaçu, conforme pode ser observado.

Para que cada etapa da Figura 2 seja realizada foi observado que o processo da cadeia produtiva do babaçu que envolve a coleta, a transformação da matéria-prima em produto e a comercialização desses produtos. Os principais insumos são machados, sacos de nylon, jacás, vasilhames, embalagens, máquinas e equipamentos.

Esses insumos são adquiridos na cidade de origem (Cidelândia) e cidades como Imperatriz, Açailândia, São Luís, São Paulo, entre outras. Já os porretes, são pedaços de madeira retirados da mata e os cofos são feitos da palha da palmeira do babaçu

Figura 2 - Fluxo da cadeia produtiva do babaçu



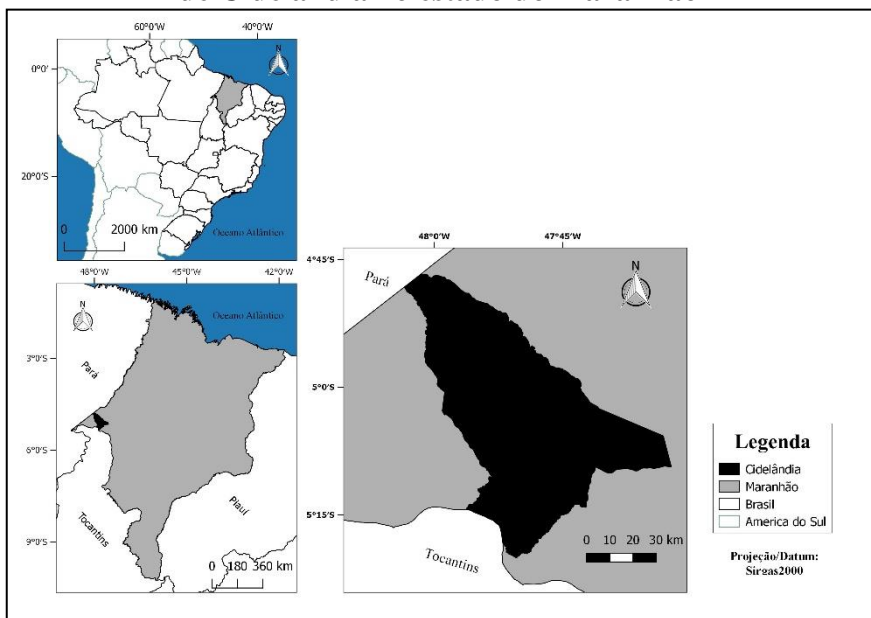
Fonte: Elaboração própria.

Escopo geográfico

A Reserva Extrativista do Ciriáco foi criada por Lei Federal, através do Decreto nº 534 de 20 de maio de 1992, com a finalidade social e ecológica com uma área de 8.106,75 hectares (BRASIL,

1992). Recebeu esse nome por causa do povoado Ciriáco e está localizado no município de Cidelândia no estado do Maranhão, com uma população censitária estimada em 2017 em 14.539 habitantes (IBGE, 2018a). Na Figura 3 apresenta a localização do municio de Cidelândia.

Figura 3 - Localização da cidade de Cidelândia no estado do Maranhão



Fonte: Elaboração própria. Adaptada de: IBGE (2018b).

A reserva extrativista do Ciriáco tem 160 famílias associadas, conforme o cadastro do ICMBio, denominadas de “quebradeiras de coco” que utilizam da unidade de conservação. Essas famílias são beneficiadas com regularização fundiária, plano de manejo estabelecido e conselho deliberativo funcionando. A Associação dos

Trabalhadores Agroextrativistas da Reserva Extrativista de Ciriáco (ATARECO) tem como papel fundamental na organização dessas famílias de trabalhadores associados que sobrevivem da extração do babaçu.

Distribuição da produção do babaçu

Conforme a entrevista feita com o Funcionário do ICMBio, o principal cliente da ATARECO, era uma empresa multinacional, que pagava R\$ 5,00 por litro de óleo. A multinacional era comprometida com a sustentabilidade e promovia o desenvolvimento socioeconômico dos Povoados da Reserva Extrativista do Ciriáco.

Ainda neste contexto, segundo o Funcionário do ICMBio, a multinacional é fornecedora de ingredientes naturais e orgânicos extraídos de forma ética e sustentável dos biomas brasileiros e exporta para mais de 40 países, para as indústrias cosméticas, farmacêuticas e de cuidados pessoais de diversas marcas e com filial no estado do Pará. A empresa mantinha um contrato anual com ATARECO, para compra do óleo babaçu, mas em 2015 encerrou o contrato.

Com o fim do contrato com seu principal cliente, a ATARECO buscou novos mercados, vendendo seus produtos principalmente para os consumidores finais em torno, cidades como Cidelândia, João Lisboa, imperatriz, Açailândia, São Pedro da Água Branca, entre outras.

Outro produto que a ATARECO comercializa é o coco inteiro e o endocarpo, que são vendidos para uma multinacional com filial em Imperatriz e indústrias de cidades próximas, como também

vendem o carvão para o consumidor que vivem ao entorno da Reserva Extrativista do Ciriáco.

A Reserva extrativista do Ciriáco tem uma produção anual aproximadamente de dezenove mil e duzentos quilos de babaçu (ATARECO, 2017). Conforme a ATARECO, a produção de óleo mensal é de mais ou menos oitocentos litros de óleo de babaçu, para se obter um litro de óleo é preciso dois quilos da amêndoa de babaçu.

Com a saída do principal cliente, a venda do óleo de babaçu é feita no mercado local, visitantes da Reserva, cidades em torno e eventos como feiras nacionais promovidas por encontros nacionais de produto do extrativismo o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB).

A venda da farinha (mesocarpo) e do artesanato (chapéu da palha do babaçu, chaveiro do endocarpo, entre outros) não é significativa e é vendido para os visitantes da Reserva Extrativista do Ciriáco, já a torta tem mais relevância comercial, vendida para criadores de animais no mercado local.

Governança

Na análise da governança é possível identificar as relações de força e domínio entre os atores da cadeia, para determinar a autoridade e a gestão da direção a seguir, como também determinar a alocação dos recursos financeiro, materiais e humano dentro da CGV (FERNANDEZ-STARK; GEREFFI, 2011).

De acordo, com o Funcionário do ICMBio, pode se confirmar que a cadeia produtiva do babaçu é controlada pelos compradores, as empresas que mais influenciam são as multinacionais, indústrias nacionais e o consumidor final, pois são elas que definem o preço do produto no mercado. A relação dessas empresas com a base da

cadeia é feita de forma direta, através do órgão gestor ICMBio e de forma indireta pelos atravessadores.

O tipo de governança é a de mercado, onde se envolve transações simples, as particularizações do produto são facilmente passadas, e os fornecedores podem fazer o produto com pouca entrada, neste tipo de governança existe pouco ou nenhuma relação formal.

Ao considerar a CGV, as habilidades dos fornecedores (famílias extrativistas) e suas competências são baixas, dessa forma, é preciso que as empresas façam o monitoramento para garantir a qualidade do produto e ajudar os extrativistas com equipamentos para melhora a eficiência do trabalho.

Contexto institucional local

Nesta dimensão, identifica-se as principais relações econômica, sociais e institucionais da cadeia produtiva do babaçu, com a finalidade de verificar as situações políticas locais, nacionais e internacionais direcionada para esta cadeia produtiva (FERNANDEZ-STARK; GEREFFI, 2011).

Um das primeiras Leis Federais que rege a reserva de extrativista do Ciriáco foi o Decreto nº 534/92, que criou a Reserva Extrativista do Ciriáco, uma política pública que é implementada pelo governo federal no papel do ICMBio como gestor, através do Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 1992).

A Lei Regulatória Federal é a que determina a taxa de importação dos produtos extrativistas, com a finalidade de proteger as indústrias nacionais das concorrentes internacionais e os encargos que incide sobre as transações.

A Lei Estadual de nº Lei nº 4734/86 que dispõe sobre Proibição da derrubada de palmeira de babaçu e dá outras providências no estado do Maranhão é uma das primeiras leis de proteção da espécie no Estado (MARANHÃO, 1986).

O município de Cidelândia criou a Lei Nº 122/05 para proteção da palmeira de babaçu e estabelece sobre a proibição da derrubada, e de outras providências e livre acesso das quebradeiras de coco nos babaçuais (CIDELÂNDIA, 2005).

Nas institucionalizações sociais a cadeia produtiva local está vinculada ao Movimento Interestadual das Quebradeira de Coco do Babaçu (MIQCB), sendo um movimento influente e com muitas conquistas para as famílias que vivem do extrativismo do babaçu. Outro movimento importante é a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (ASSEMA), uma das principais conquistas foram as aprovações das leis municipais (Lei do Babaçu Livre) em alguns municípios do estado do Maranhão. Conta ainda, com a Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Reserva Extrativista de Ciriáco (ATARECO), que contribui para a organização das famílias que vivem do extrativismo.

Nos últimos anos a ATARECO, tem fechado parcerias de incentivos com uma empresa multinacional, onde recebem recursos que ajuda a estimular a base da cadeia produtiva do babaçu local.

Stakeholders

Os principais atores envolvidos na cadeia produtiva do babaçu na Reserva Extrativista de Ciriáco. Os extrativistas, conhecidas como as quebradeiras de coco, por meio da ATARECO. Elas são responsáveis primeiramente pela coleta e quebra dos frutos, como também pela extração do óleo.

Quadro 1 - Os principais Stakeholders da cadeia

STAKEHOLDERS	FUNÇÕES	PODER DE GOVERNANÇA NA CGV
Extrativistas	Coleta, quebra e extração do óleo	Baixo
Empresas de ferramentas agrícolas; embalagens em gerais	Fornecedores os produtos	Médio
Multinacional	Compra de produtos	Alto
Pequenas Empresas Locais	Compra de produtos	Alta
Consumidores finais	Compra de produtos	Médio
ICMBIO/ Ministério do meio ambiente	Gestor	Alta

Fonte: Elaboração própria.

Os principais fornecedores de insumos são as empresas de ferramentas agrícolas e de embalagens em gerais, localizadas nas cidades de Cidelândia, Imperatriz e cidades vizinhas. No entanto, as empresas de máquinas e equipamentos estão localizadas no estado de São Paulo.

Os clientes da ATARECO, são: uma multinacional (endocarpo), pequenos comércios das cidades vizinhas, atravessadores e os consumidores finais com a venda direta na associação ou de porta em porta.

As instituições governamentais apoiam as famílias extrativistas do babaçu, por meio do ICMBIO, que faz o papel de gestor da Reserva Extrativista do Ciriáco, está vinculada ao Ministério do Meio Ambiente.

Upgrading

No *upgrading* demonstra-se as atividades que geram mais valor para a cadeia, com a finalidade de aumentar as vantagens,

como: aumento nos lucros, participação no mercado internacional e outros (FERNANDEZ-STARK; GEREFFI, 2011).

Na Reserva Extrativista do Ciriáco com a compra de um trator pela ATARECO, facilitou o trabalho de transporte dos frutos do babaçu pelas quebradeiras de coco, resultando no aumento da produtividade.

A parceria com uma empresa multinacional, a ATARECO conseguiu construir um espaço específico para a quebra do coco, próximo a indústria de beneficiamento. Ainda, como resultado desta parceria, foram adquiridos utensílios adequados para o processo produtivo. Padronização de recipientes (embalagens) para armazenar os produtos (óleo e farinha) para comercialização.

Os principais resultados com a implementação na cadeia produtiva local, pode-se destacar o maior aproveitamento do fruto do babaçu e dos seus subprodutos (carvão, torta), redução do custo, aumento da produtividade com melhorias na qualidade dos produtos. O processo de produção com etapas mecanizadas resultou na agregação de valor aos produtos e o aumento da visibilidade dos seus produtos no mercado, em especial ao consumidor final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cadeia produtiva do babaçu gera diversos produtos e subprodutos e ajuda na subsistência de famílias que vivem do extrativismo, diminuindo assim o êxodo rural e colaborando para a conservação do meio ambiente. Apesar da queda da produção do babaçu devido ao êxodo de várias famílias esta ainda é uma cadeia muito influente, devido a sua importância econômica, social e cultural.

Os resultados deste estudo mostram que a cadeia produtiva do babaçu se desenvolveu pouco e ainda apresenta baixo emprego da tecnologia, principalmente no elo inicial da cadeia, pois é explorada por famílias extrativistas com poucos recursos.

Um dos principais gargalos identificado na cadeia produtiva do babaçu consiste na falta de mais políticas públicas direcionadas para o setor. As poucas políticas existentes precisam ser aprimoradas para estimular o crescimento da cadeia produtiva do babaçu e atender as necessidades das famílias extrativistas.

Identificou-se que na base da cadeia produtiva do babaçu à necessidade do emprego da tecnologia, pois o trabalho é muito árduo e leva muito tempo para sua execução. A pouca tecnologia disponível neste processo, gera baixa eficiência nos modos de produção, impactando no desenvolvimento socioeconômico e na qualidade de vida das famílias extrativistas da Reserva Extrativista do Ciriáco. Além disso, verifica-se uma baixa agregação de valor ao produto pelos extrativistas, haja vista que a maior parte do valor é incorporado pela indústria localizada no final da cadeia produtiva.

Identificou-se também poucas parcerias com empresas privadas com potencial para investir principalmente no elo inicial da cadeia produtiva do babaçu. Também se percebeu um baixo interesse dos pesquisadores brasileiros em defender a cadeia produtiva do babaçu por meio da criação de patentes. Verifica-se que por falta de orientação e conhecimento a ATARECO não criar patentes e certificações para proteger seus produtos.

Conclui-se assim que as dificuldades encontradas na cadeia produtiva do babaçu da Reserva Extrativista do Ciriáco são oriundas de falta de novas políticas públicas e privadas e investimentos em infraestrutura e tecnologia para atender as necessidades, principalmente na base da cadeia.

A contribuição deste estudo está dividida em três dimensões, sendo: acadêmica, organizações e sociedade. Acadêmica podendo ser utilizado como fonte de pesquisa pelos interessados no assunto. Na prática organizacional, o poder público e privado pode utilizar o conhecimento da cadeia produtiva do babaçu no desenvolvimento do município e para influenciar para novas políticas. Já para a sociedade, mostra-se a relevância desta cadeia na economia do município ou região.

A realização deste estudo deparou-se com algumas limitações, dentre as quais as principais foram:(a) Entrevista somente com um funcionário do ICMBio; (b) Dificuldade para reunir os associados da ATARECO (quebradeira de coco), pois se encontravam na coleta; (c) Existência de somente em uma reserva extrativista o que inviabilizou comparações.

Estas limitações ascendem novas sugestões de pesquisa tais como estudar a cadeia produtiva do babaçu em outras reservas, ou avaliar a relação custo-benefício da cadeia produtiva do babaçu na economia a partir da abordagem da CGV.

REFEÊNCIAS

ATARECO – Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Reserva Extrativista de Ciriáco. **ICMBIO** [2017]. Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br>>. Acesso em: 10/10/2017.

AYRES JUNIOR, J. C. **A Organização das Quebradeiras de Coco Babaçu e a Refuncionalização de um Espaço Regional na Microrregião do Médio Mearim Maranhense** (Dissertação de Mestrado em Geografia). Florianópolis: UFSC, 2007.

BRACARENSE, N. M. L. *et al.* “A abordagem das cadeias globais de valor: a influência da governança externa sobre a indústria de móveis chinesa”. **Anais do XII Encontro Nacional de Economia Política**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Economia Política, 2009.

BRASIL. **Decreto nº 534, de 20 de maio de 1992**. Brasília: Planalto, 1992. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 23/11/2021.

CARRAZZA, L. R. *et al.* **Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Fruto e da Folha do Babaçu**. Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), 2012.

CIDELÂNDIA. **Lei nº 122 de 16 de setembro de 2005**. Cidelândia: Câmara Municipal, 2005. Disponível em: <<http://www.cmcidelandia.ma.gov.br>>. Acesso em: 23/01/2022.

CURZEL, R. **Texto para discussão**: A participação dos serviços nas cadeias globais de valor selecionadas. Brasília / Rio de Janeiro: IPEA, 2015.

DESER- Departamento de Estudos Sócio Econômicos Rurais. **A cadeia produtiva do babaçu**: estudo exploratório. Curitiba: DESER, 2007. Disponível em: <<https://abong.org.br>>. Acesso em: 12/01/2022.

ESTEVADEORDAL, A. *et al.* “Are global value chains really global? Policies to accelerate countries’ access to international production networks”. New York: **IDB** [2013]. Disponível em: <<http://e15initiative.org>>. Acesso em: 14/07/2018.

FERNANDEZ-STARK, K.; GEREFFI, G. **Global Value Chain Analysis**: A Primer. Durham: Center on Globalization, Governance

and Competitiveness, 2011. Disponível em: <<https://gvcc.duke.edu>>. Acesso em: 15/11/2017.

GEREFFI G. *et al.* “Introduction: Globalisation, Value Chains and Development”. **IDS Bulletin**, vol. 32, n. 3, 2001.

GEREFFI, G. *et al.* “The governance of global value chains”. **Revista International political Economy**, vol. 12, n. 1, 2005.

GEREFFI, G. MEMEDOVIC, O. **The Global Apparel Value Chain: What Prospects for Upgrading by Developing Countries?**. Vienna: United Nations Industrial Development Organization, 2003. Disponível em: <<https://www.unido.org>>. Acesso em: 12/01/2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. “Mapas”. **IBGE**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 25/02/2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. “População”. **IBGE**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20/02/2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. “Variável – Quantidade produzida e valor da produção na extração vegetal, por tipo de produto extrativo”. **IBGE**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 08/11/2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. “Variável – Produção da extração vegetal e da silvicultura”. **IBGE**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 08/11/2017.

MARANHÃO. **Lei nº 4734, de 18 de junho de 1986**. São Luís: Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, 1986. Disponível em: <<https://www.mpma.mp.br>>. Acesso em: 23/02/2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2017.

MATHER, C. **Value Chains and Tropical Products in a Changing Global Trade Regime**. Johannesburg: ICTSD - Programme on Agricultural Trade and Sustainable Development, University of the Witwatersrand, 2007.

MAYER, F.; GEREFFI, G. “Regulation and Economic Globalization: Prospects and Limits of Private Governance”. **Revista Business and Politics**, vol. 12, n. 13, 2010.

POLASTRINI, A. *et al.* “Gargalos da cadeia leiteira de Palmas-TO: abordagem de cadeia global de valor”. **Informe Gepec**, vol. 24, n.2, 2020.

PONTE, S. “Governance in the Value Chain for South African Wine”. **Danish Institute for International Studies**, n. 9, October, 2007.

THORSTENSEN, V. H. “O Multissistema da Regulação do Comércio Global: proposta de novo referencial teórico e nova metodologia de análise”. **Revista Tempo do Mundo**, vol. 3, n.1, 2011.